

O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

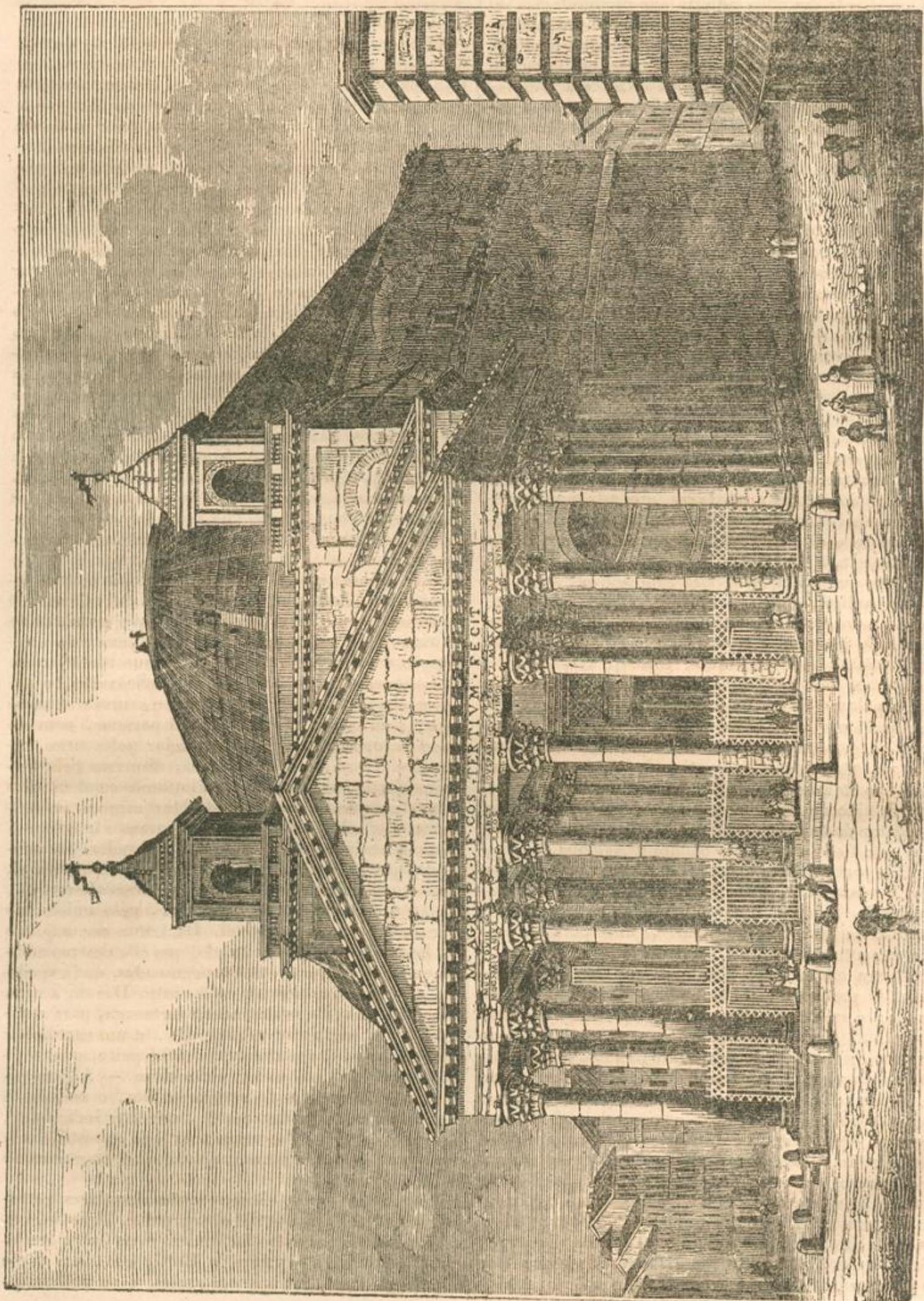
DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

33.

PUBLICADO TODOS OS SABBADOS.

DEZEMBRO 16, 1837.



O PANTHEON.

O PANTHEON.

“ Assim como [diz Mr. Simond] o templo de S. Pedro é a melhor obra da moderna architectura em Roma, o Pantheon é a mais agradável, e a melhor conservada das que lhe deixou a arte antiga; porque não obstante os damnos, que soffreu, ás mãos dos barbaros de todos os tempos, inda não manifesta signaes evidentes de decadencia: e com este magnifico modelo diante dos olhos admira que os architectos de S. Pedro não desempenhassem melhor a sua tarefa. O Pantheon figura ser o zimbório semi-espherico d’um templo moderno, tirado do seu logar e apeado no chão: e assim nos parece porque estamos acostumados a ver as nossas cúpulas; porém aos antigos a cúpula d’um templo moderno pareceria o Pantheon levantado ao ar.” —

Este edificio magestoso está situado no centro de Roma, cercado de casas, em posição summamente desvantajosa á sua belleza. O inglez, auctor de *Roma no seculo desenove*, diz que é aquelle o mais immundo sitio da cidade, onde a bulha incessante, as importunações excessivas de numerosos mendigos, a lama das ruas, e os maus cheiros, incommodam por tal modo o espectador, que o contemplar este edificio mais se lhe deve levar em conta de penitencia do que de gozo. E’ na verdade contraste dos mais repugnantes sair d’um templo sumptuoso para uma rua cuberta de immundicie.

O Pantheon é mais conhecido pelo nome de *La Rotonda*, e é actualmente a igreja de *Sancta Maria ad Martyres*, porque foi consagrado á Virgem pelo Papa Bonifacio 4.^o, que trasladou para este logar as reliquias dos santos e martyres, que estavam dispersas por varios cemiterios, e foram tantas que encheram vinte e oito caixões. Gregorio 4.^o, em 330, o dedicou a todos os santos.

Diz-se que o Pantheon fôra edificado por Agrippa, intimo amigo, e conselheiro de Augusto, 26 annos antes da era christã, em memoria da batalha alcançada pelo imperador contra Marco Antonio; e que fôra então dedicado a Jupiter *Ultor* [o vingador], e a todos os numes. Fundamenta-se esta opinião em que a palavra Pantheon é composta de duas gregas, que querem dizer “ todos os deuses ”. Não é porém recebida geralmente, e tem sido por varios antiquarios contestada; e até na antiguidade apparece duvidosa não só a origem da denominação como o primitivo destino do edificio, como se vê em Dion Cassio, escriptor do terceiro seculo, e n’outros. Muitos querem que fosse o local dos banhos d’Agrippa, e o magnifico portico a sua entrada, e allegam para isto varios fundamentos, que não vem para o nosso intento referir. Tambem é ponto ventilado se foi construido todo de uma vez, ou primeiro uma parte, e posteriormente a outra.

Damos em estampa a externa apparencia do edificio. O portico tem 110 pés de comprido por 44 de fundo; é sustentado por deseseis columnas d’ordem corinthia. Cada fuste das columnas é uma peça de granito oriental de 42 pés d’alto; as bases e capiteis são de marmore branco: a altura toda das columnas é 46 pés e 5 pollegadas; o diametro juncto á base 4 pés e 10 pollegadas, e juncto ao capitel 4 pés e 3 pollegadas. O interior da rotunda tem de diametro quasi cento e cincoenta pés: a altura do pavimento á cúpula era o mesmo primitivamente, mas o chão foi levantado sete a oito pés a nivellar com o pavimento do portico. A luz entra unicamente por uma abertura circular no zimbório, de 28 pés de diametro: dalli se espalha uma torrente de claridade por todo o interior do templo, e produz sublime effeito. A chu-

va alaga por esta abertura o magnifico pavimento, tendo escoante as aguas por um cano para o Tibre; mas como o edificio jaz mais baixo é inundado internamente pelo mesmo rio, quando engrossa, entrando a enchente pelo cano.

A parede da rotunda tem 20 pés de grosso, e ha nella engravadas seis capellas, cada uma com duas pilastras, e duas columnas corinthias; a setima capella fica fronteira da entrada.

O BOHON-UPAS, OU ARVORE VENENOSA DA JAVA.

Por longo tempo assombraram os leitores europeus espantosas relações da singular arvore da Java, e os seus terriveis effeitos ministraram allusões a alguns escriptores. Nunca será inutil desabuzar d’erros desta natureza, por isso mesmo que o espirito humano tem extraordinaria tendencia para tudo o que é maravilhoso, e fóra do commum.

A ilha da Java, assim como as mais do seu vasto archipelago, pode-se dizer que era quasi desconhecida antes que o imperio britannico se dilatasse por aquellas partes, como já tivemos occasião de observar tractando da Nova Galles do sul. Foi portanto facil diffundir, ácerca da arvore venenosa, as erradas opiniões que vogaram na Europa, porque só as poderiam averiguar os mesmos que as espalharam, os soldados dos hollandezes, então quasi os unicos que frequentavam aquelles mares. Porém o que sobretudo contribuiu para se acreditarem as maravilhas da arvore da Java foi a narração circumstanciada de um tal Foersch, cirurgião das tropas hollandezas na ilha. Resumiremos a sua relação, d’onde surgiram tantas historias fabulosas, para que se ajuize até que ponto póde chegar a audacia, e descaramento d’um impostor.

Esta arvore terrivel crescia [diz elle] a vinte e sete leguas de Batavia, e a quatorze da residencia do imperador, em um valle profundo, que exhalava de continuo malignos vapores, que destruiam toda a vegetação dos arredores; nem uma tenue moita, nem uma fevera d’herva, crescia naquelle valle, e nas serras circumvisinhas; nenhuma ave crusava aquelles ares, nem um só animal por alli passava, nem sequer os reptis, que costumam rojar pelos sitios immundos. Unicamente alvejavam, dispersas pela terra escaldada, as ossadas dos criminosos condemnados á morte, que tinham podido obter a graça de tentarem a absolvição da pena, procurando ir colher a gomma venenosa do *upas* para o imperador. Os infelizes, que se expunham a esta horrivel alternativa, eram conduzidos á residencia d’um sacerdote malaio, distante algumas leguas da arvore, pelo unico lado por onde esta era accessivel. Ha trinta annos [diz o tal Foersch, que vamos citando] que elle desempenhava este encargo, e de 700 condemnados, que expedira, não voltaram dois de cada vinte. Davam a cada um uma caixa de prata, ou de tartaruga, para o veneno, um par de luvas de pelle, e um capello da mesma fazenda, que lhe descia até o peito, guarnecido com dois vidros no logar dos olhos. — Alli as victimas se despediam de seus proximos, e amigos, e indireitavam para um monte, que lhes indicavam, trepando-o para o descerem pelo lado opposto, onde iam dar com um ribeiro, cuja corrente os guiava ao valle da morte.

Com estas bases julgue-se quão singulares patranhas inventaria a imaginação popular. Todavia, pelo mesmo tempo, outro hollandez, membro da academia de sciencias physicas de Rotterdam, por nome Lambert Nolst, fundado em razões, e na authorida-

de de John Mathew, que residiu na Java vinte e tres annos, quando o Foersch pertendeu ter feito as suas observações, mostrou indisputavelmente que a narração daquelle cirurgião era um solemne embuste.

Porém nem esta memoria, que foi vertida em inglez no *Gentleman's Magazine* de 1794; nem a dissertação judiciousa e exacta de um naturalista sueco, que deu uma noticia veridica do *Bohon-upas*, ou arvore venenosa do Macassar, foram bastantes para desarraigir a crença, que a primeira historia tinha espalhado. Tal é a disposição do commum dos homens para persistirem nos erros de origem maravilhosa: tanto mais inclinados a acreditar quanto mais inverosiméis são as circumstancias.

Finalmente quando os inglezes em 1811 occuparam Batavia, começou a Europa a ter exacto conhecimento daquelles paizes: e de então para cá se principiam a avaliar as suas produções, e importancia. Soube-se o que era a ilha de Java, cuja extensão territorial é quasi igual a dois terços da Graã-Bretanha, e comprehende uma população de cinco milhões de habitantes. Ruinas magnificas attestam em muitos sitios uma subida e antiga civilisação. Soube-se mais que a Sumatra, maior que Java, ainda poderia ser de mais alta importancia; que as Celebes, e as Molucas, são jardins deliciosos, situados ao pé de volcões ardentes; e que as Filipinas, mais ao norte, pertencentes aos hespanhoes, apresentam ao commercio europeu inexauriveis mananciaes. Revelaram-se os mysterios da Oceania; e dilatou-se com elles a esphera dos conhecimentos humanos.

Tambem á arvore de Java tocou a vez de ser verdadeiramente conhecida, e de se desfazerem as fabulas, que a seu respeito corriam, ficando devidamente apreciada. O Dr. Horsfield deu a miuda descripção deste vegetal no tomo 3.^o das *Batavian Transactions*, que passamos a extractar. — Esta arvore, longe de ser unica e peculiar á Java, cresce em abundancia na extremidade oriental da ilha [onde os naturaes a designam pelo nome de *ant-char*], no Massacar, e em outras varias localidades: em vez de anniquilar os vegetaes da sua visinhança, folga no centro dos bosques densos e copados. Pouparemos aos nossos leitores a descripção botanica; bastará saber-se que o tronco é cylindrico, perpendicular, e nú até a altura de 60 a 70 pés, e ás vezes mais. No topo lança uns poucos de ramos quasi horisontaes, com varias curvas irregulares, dividindo-se em ramos menores, e formando uma copa semi-espherica, mas tambem pouco regular. Do tronco, feita uma incisão na casca, corre copiosamente uma seve, ou succo amarellado, que se faz trigueiro ao ar, e é da consistencia do leite, porém mais espesso, e viscoso. A preparação deste veneno é segredo exclusivo dos habitantes da extremidade oriental da Java. Mas o Dr. Horsfield conseguiu conhece-la, e a descreve. E' usado para envenenar as frechas na guerra, e por isso lhe dão os malaios grande apreço: seu effeito é tão prompto que mata um cão n'uma hora, um rato em dez minutos, os macacos em sete, e os gatos em quinze; porém um bufalo, sujeito á mesma experiencia, durou mais de duas horas: differencia nisto, e na atrocidade da morte, do promptissimo effeito do veneno *nourali*, que noticiámos em o N.^o 11. — O naturalista Rumphio observou os effeitos do *upas* em 1650 quando os hollandezes foram atacados em Amboino. "Apenas [diz] os soldados eram feridos da frecha, o veneno lhes corria o corpo, produzindo-lhes, principalmente na cabeça, ardencia excessiva, seguida irremissivelmente da morte."

AS ARDESIAS OU LOUSAS.

Os NATURALISTAS collocam a ardesia, ou lousa, como vulgarmente se lhe chama no Minho, entre os schistos ou substancias argilosas, siliciosas e calcarias. O seu character mais notavel é dividir-se facilmente em placas de diferentes grossuras. O modo por que se acham collocados os bancos desta pedra é em camadas, ora verticaes ora inclinadas. A sua côr ordinaria é uma côr de cinza, mais ou menos escura. Ha algumas avermelhadas e outras verdes, mas estas ultimas são raras, e nunca em Portugal as vimos.

Nas de côr de cinza, que são as communs, ha diferentes especies; em algumas são as placas tão adherentes que difficilmente se dividem, e quebram a maior parte das vezes, quando se tenta faze-lo; outras estão misturadas com varios mineraes, que as deixam durar mui pouco, sendo destes o carvão de pedra e a argilla. Por isso se busca, para os diversos misteres em que se empregam, que sejam bem limpas e faceis de separar.

No Minho ha grande abundancia destas lousas, que servem principalmente para ornarem chaminés de fogões; mas que podiam servir para outros misteres, se aperfeioassem o modo de as arrancar das pedreiras, e se generalisassem o seu uso.

Entretanto, apesar do methodo imperfeito de que os cavouqueiros se servem, temos visto lagens de lousa de maravilhosa grandesa: mas para isto se estraga grande porção dellas. Estas pedras são conduzidas em bruto das pedreiras para officinas, onde as afeioam e pulem, trabalhando-as com grande facilidade, quasi como se fosse madeira, e fazendo-lhes molduras e relevos de grande gosto e primor. Na cidade do Porto é onde com mais frequencia se acham destas obras.

O modo por que na Alemanha, na França, e na Italia tiram as lousas das pedreiras, varia segundo a intelligencia dos obreiros de cada paiz. No Platsberg, descobrem o banco de lousa, e vão tirando moles de pedra contendo umas poucas de camadas, mas de um tamanho tal que seja facil move-las. Para isto servem-se do mesmo methodo, que nós usamos vulgarmente para arrancar grandes pedras de qualquer pedreira, com a particularidade, a todos obvia, de as separar por onde são as divisões das camadas. Esta mole de pedra, assim separada, se leva logo, e em quanto está bem humida, para um logar á sombra, onde se divide em placas, antes que seque [o que se pôde impedir humedecendo-a de quando em quando], porque em estando enxuta de todo não é possivel separar as placas.

E' com uma especie de grande faca, cujo ferro é bem temperado, mas de pouca grossura, que se vão abrindo as laminas mais delgadas, e, se é preciso, vamsse mettendo cunhas de páu na abertura que fez a faca.

Quanto á maneira de pulir as obras de lousa não ha que dizer; porque no Minho o sabem fazer com bastante perfeição, chegando a prepara-las com tal arte que até parecem de ebano.

As boas castas de lousa são as mais duras, pouco quebradiças, lisas quando ainda estão por pulir, que soam quando se lhes dá uma pancada, que não contem muita materia calcaria, e que não embebem a agua. Para qualquer se certificar desta ultima qualidade, não tem mais do que metter a terça parte do comprimento de uma lamina de lousa n'um vaso com agua. Se a pedra se não humedecer para cima do nivel da agua mais do que uma linha até duas, é de boa casta.

Para obras grandes, como para cubrir mesas ou trumós, é preciso que as placas sejam mais grossas, e neste caso a lousa serra-se como a outra pedra. Quando

se quer trabalho mui delicado aplainam-se com uma garlopa, como as dos marceneiros; e esfregando-as com arêa, e depois com pedra pomes, ou com um trapo envolto em pó de carvão, se pulem maravilhosamente: para ficarem bem negras e luzentes, correm-se com uma gôta de oleo.

Em França e Inglaterra a lousa serve principalmente para os telhados, o que dá um aspecto triste ás povoações vistas de longe, mas que é sobremodo util. A lousa é muitissimo mais leve do que a telha, e ao mesmo tempo mais impenetravel á agua; e os telhadores sabem colloca-la por tal arte, que, apesar de serem chatas, não deixam passar nem uma pinga de chuva.

Para forro de muros é a lousa pedra approvadissima; porque com ella se pode pôr uma silharia mui delgada, e por consequencia mais barata do que a de lagado, ficando o fundamento da parede preservado da agua, tão bem como se fosse com pedra de cantaria.

Outro grande proveito que se pôde tirar da lousa é fazer della os tanques de azeite. Tem-se experimentado na Italia que este liquido se conserva melhor nestes do que em cisternas, em pipas, ou em tanques forrados de chumbo: por este motivo em todos os grandes armazens de azeite em Genova, em Napoles, e em Leorne os depositos são feitos de lousa. Construem-nos sobre um massame de pedra e cal: assentam no fundo uma lousa; poem-lhe a prumo uma por cada um dos quatro lados emparedadas com um muro em volta; e bitumam estas cinco lagens com um mixto de cal e pó de tijollo; mas pode-se usar de outro bitume, que se julgue melhor. Estes tanques duram tempo infinito, sem que nunca seja preciso concerta-los.

Com a lousa pulverisada e peneirada por uma peneira bem fina, se prepara um couro excellente para assentar o fio ás navalhas de barba. Misturado este pó com barro é tambem muito conveniente para fazer fôrmas para a fundição de metaes. A applicação das lousas para nellas se escrever, e sobre tudo o uso que teem nas escholas de ensino mutuo, são cousas tão conhecidas, que não carecem de aqui fazermos dellas especial menção.

Ainda ha poucos annos que em Lisboa se temia o uso dos fogões nas sallas durante o inverno: esta preocupação, que o é em nosso entender, tem diminuido como outras muitas; é portanto provavel que nos novos edificios se vão construindo chaminés para ter no inverno fogo que modere a asperesa da estação: nós lembramos aos proprietarios que a lousa lhe offerece, para obras desta natureza, materia que, sendo talvez a mais barata, mandando-a vir do Minho por mar é, como ornato, de uma bella apparencia.

O novo systema dos cemiterios publicos, que substituiu o systema barbaro, indecente, e damnoso de sepultar os mortos nas igrejas para envenenar os vivos, dá novo preço á lousa, que é pedra propriissima para os monumentos da morte. Além da facilidade que presta para nella se gravarem inscripções, a tristeza da sua côr, quando é da que se pôde fazer negra, quadra com a gravidade soturna de um campo sancto. Adorne com ella o rico e poderoso as faces dos monumentos dos seus; colloque-os o pobre e humilde, sosinha e desacompanhada de marmores custosos, sobre os restos daquelles que mais amou na terra, — a lousa será sempre a pedra das sepulturas.

Em Portugal esta casta de pedra, acha-se em grande abundancia na provincia do Minho: as visinhanças de Abrantes teem muita: e no Alemtéjo abunda tambem, nomeadamente nas visinhanças de Estremoz; esta, segundo nos dizem, é communmente ver-

melha. Na Beira diz have-las o Dr. Vandelli, e lamenta que para muitos usos se comprem aos estrangeiros. Com effeito as lousas, para escrever, para afiar navalhas, vem todas de fóra, podendo nós te-las do nosso paiz com tanta facilidade.



NERO, CHEFE DAS ILHAS MASSACRE.

OCEANO PACIFICO. — NERO, CHEFE SUPREMO DAS ILHAS MASSACRE.

No decurso do anno de 1830, o capitão americano Morrell, commandante do brigue "*O Antartico*" da Nova-Yorck, descobriu o grupo d'ilhas *Massacre*, no Oceano Pacifico. Apenas o navio tinha fundeado, começaram a acudir os naturaes, quasi tão pretos como os africanos, mantendo-se, todavia, a respeitosa distancia, em as suas canoas, e mostrando, por signaes, curiosidade, assombro, e temor. Chegaram a obra de uma milha do navio, e então suspenderam os remos, como se não ousassem adiantar-se mais. A' vista disto, o capitão Morrell desfraldou uma bandeira branca em testemunho d'amizade, e acenou-lhes com avelorios, e outros objectos, resplandecentes ao sol. Decidiram-se então a approximarem-se do brigue, mas quando observaram o cordame, e aparelhos, parece que por longo espaço se não poderam resolver a subir a bordo. "Logo eu distingui na chusma um [escreve o capitão] que reconheci ser o chefe daquella gente, e á falta de nome mais conveniente, o chamei *Neron*, ou *Nero*. Era d'estatura athletica, e de olhar magestoso e nobre: estava mui esplendidamente, ou, para melhor dizer, mui extravagantemente enfeitado de conchas e flores, que trazia na cabeça, ao pescoço e á cinta, e tinha os braços, e pernas, adornados de aneis, e braceletes de bellissima tartaruga.

Passado tempo bastante consegui persuadi-lo a que viesse a bordo com alguns dos seus; o que fez, depois de muitas duvidas e hesitação. Não ha termos bem fortes que pintem o pasmo destes negros quando se viram a bordo. Pareciam mudos e estúpidos; e não fizeram o menor movimento, nem boliram pé em quanto eu não tomei o chefe pelo braço, e o incitei a passear, com todas as possíveis demonstrações de civilidade."

Desassombrado um tanto por este acto de benevolência, e pela cordialidade da recepção, *Nero* começou a recobrar animo pouco a pouco, e a dar mostras de viva curiosidade: examinou rapidamente os mastros, as vellas, o convez, os cabos, as ancoras, e tudo o que lhe apparecia diante dos olhos, passando de um a outro objecto, apalpando-os com as mãos ambas, perguntando o uso de cada cousa, mas nunca esperando resposta, e voltando-se logo para outro objecto. Por fim entrou a saltar como louco em cima do convez, alternativamente rindo e soltando exclamações de assombro. Os seus companheiros se interessavam tambem muito nos objectos, que os rodeavam, mas não se atreviam a exprimir as suas sensações na presença do caudilho. Morrell convidou este para a sua camara, mas elle recusou em quanto tres dos seus não descessem a examina-la, e para isso lhes deu logo ordem, a qual escutaram com visivel repugnancia. Todavia apenas elles poseram o pé na camara, o medo succedeu ao pasmo e admiração, vendo a grande quantidade de espingardas, de pistolas, e de espadas reluzentes; tapavam os olhos com as mãos, e davam clamores de espanto, a que seus compatriotas respondiam em cima do convez. Mostraram-lhes depois um espelho, a cuja primeira intuição se amedrontaram, olhando uns para os outros; mas quando repararam melhor, e reconheceram, reflectida pelo espelho, a imagem de seu rosto, preto como o ébano, abraçaram-se, fizeram ridiculas carantonhas, riram a todo o panno, e uivaram de alegria.

Nero, que os ouviu, não pôde resistir mais á curiosidade, e n'um pulo entrou na camara; e correndo os olhos por tudo, as suas exclamações de gosto e pasmo eram sem limites. Brevemente acharam-se á roda do navio infinitas barcas, vindas das outras ilhas, carregadas dos naturaes, igualmente nus e pretos: pareciam estes incredulos ás historias maravilhosas, que lhes contavam os seus amigos, que já estavam a bordo. Mas em pouco, por seus proprios olhos, se convenceram que lhes não diziam metade. Mostrou-se-lhes então a cosinha, offerecendo-se-lhes pão, e outros alimentos, que recusaram com muita repugnancia. As peças de artilheria preocupavam muito o chefe preto, que estava inquieto por conhecer-lhes o uso: mas nem era conveniente, nem politico nessa occasião satisfazer a sua curiosidade neste ponto. Entretanto o capitão Morrell tomou alguma polvora, e largou-lhe fogo sobre o convez, na presença delles, o fogacho os intimidou por tal maneira, que se prostraram por terra; mas vendo que nenhum mal succedia, levantaram-se sem receio, e deram a entender que o effeito era semelhante ao trovão, e relampago. Quando a sua curiosidade começou a socegar, e se applacou o ardor do primeiro enthusiasmo, distribuíram-se a *Nero* e a seus principaes camaradas, alguns presentes, pelos quaes manifestaram excessivo reconhecimento. *Nero* não quiz ficar atraz em urbanidade; e expediu logo á praia varias canoas, que não tardaram, carregadas de côcos, e outras fructas. Então, por elle lh'o pedir, o capitão acompanhou *Nero* a terra na canoa propria do chefe, e o segundo commandante do brigue os seguiu na lancha, bem equipada d'homens e d'armas.

Apenas desembarcados, *Nero* conduziu seus hospedes a sua casa, que simplesmente se distinguia das outras em ser mais alta, e mais vasta: ahi tomaram refrescos, que consistiam em fructos, e peixes de muitas especies; e depois sentados em esteiras, que alcatifavam o chão, os chefes, com algumas mulheres, ainda que pretas, muito esbeltas, formavam roda aos estrangeiros: porém no capitão Morrell fitavam todos elles os olhos, considerando-o talvez como chefe de alguma tribu poderosa d'ilhas remotas. Finalizada a comida, o capitão apresentou á rainha, ou mulher de *Nero*, um par de tezouras, uma faca pequena, e vidrilhos; o que tudo acceitou com bastante agrado, e pareceu mui contente, sobre tudo das tezouras. Estes trastes excitaram geral admiração; o que era mui natural n'um ajuntamento d'individuos, que não tinham ainda visto um só bocado de ferro ou d'aço, e cujos melhores utensilios eram fabricados de conchas ou de pedra.

"Nenhum d'elles [continúa Mr. Morrell] se atreveu a apalpar-me, á excepção do rei *Nero*, e ainda este com muita timidez. Mas ficando convencido que eu era de carne e osso, como elle, e os seus semelhantes, e que se não podia tirar a côr branca, que elle suspeitava encubrir a minha pelle negra, virou-se para os seus conselheiros todo pasmado, e fallou-lhes por algum tempo ácerca deste maravilhoso phenomeno. Toda a assembléa o escutou com mais assombro que respeito, immoveis, e de boca aberta. *Nero* me rogou desabotoasse a camiza para fazer o mesmo ensaio na côr do meu corpo; e então o resultado foi um accrescimento de admiração. Cada homem, por seu turno, se chegou, e convenceu de que a minha côr não era artificial. Depois de satisfeitos neste ponto, as mulheres me brindaram com formosos collares de conchas, que desprenderam dos pescoços, e braços, para me adornarem. Esta civilidade foi imitada pelos homens, que me presentearam com suas grinaldas de plumas, trabalhadas com arte e gosto, e enfeitadas com coral vermelho. — Estavam comnosco mais de quatrocentos dos naturaes; e de repente entoaram, em côro, uma cantiga, velhos e moços, homens e mulheres. A julgar pelos seus gestos, a cantoria me era dirigida, com o intuito de agradecer os presentes, que lhes dera. Por signaes e acções, reverencias e sorrisos, procurei retribuir a sua cortezia. Acabado o concerto, dei a entender a *Nero* que eu desejava examinar a ilha, e pedi-lhe me fizesse a honra de me acompanhar, no que com satisfação consentiu, levando comsigo muitos da sua comitiva. Seis, por ordem sua, marcharam adiante, servindo de guias, e abrindo caminho. Eu não levava armas, pensando que o maior penhor da minha segurança individual era a plena confiança que testemunhava aos meus conductores, que com effeito mostravam ser gente obsequiosa, pacifica, e de boas intenções. Em quanto atravessavamos a floresta todos procuravam divertir-me, pulando, correndo, e cabriolando, como os garotos ao sair da eschola. Quantos objectos se me offereciam aos olhos nesta jornada me pareciam dar mostras de mocidade, e frescura, como se toda a ilha fosse de recente creação; as arvores eram muito novas; e passando pelo meio dos bosques, vi algumas plantas cobertas profusamente de flores purpureas, e lindas, as quaes *Nero* me disse serem exclusivamente cultivadas para enfeites. Para o centro da ilha, prenderam a minha attenção muitas pilhas regulares de pedacinhos de coral, separadas umas das outras por carreiros, cujo accesso era defeso por via de estacas pregadas no chão. *Nero* me insinuou que allí era o cimiterio real, e as pilhas de coral outros tantos tumulos, e servia de jazigo aos chefes, e guerreiros dis-

tinctos, unicos a quem era franca a estacada : os cadaveres do povo eram deitados ao mar.”

Nas ilhas Massacre, os homens são geralmente de nove palmos d'alto, bem proporcionados, direitos, e largos d'hombros; por isso são vigorosos, nervosos, e robustos, e ainda que um tanto grossos extremamente ageis, bemfeitos, de braços e pernas em harmonia com o restante do corpo. A fórma da cabeça é engraçada, e differentissima da dos africanos; a pelle é macia ao tacto; e os cabellos um tanto encarapinhados, porém brandos e lustrosos; olhos grandes e proporcionados, nariz elegante, e os beiços também, ainda que grossos, de um escarlate vivo como o coral de suas ilhas, e que descobrem duas fieiras de dentes iguaes, e brancos como o marfim. Todavia a expressão da sua physionomia, quando não ameigada pelo contentamento, é bravia e feroz, e ao mesmo tempo inculca firmeza, e resolução. Sarapintam o corpo extravagantemente de fórma que alguns causam horror. As mulheres são quasi tão corpulentas como os homens, igualmente pretas, porém mais engraçadas e mimosas. Quanto a vestuario nada diremos por decoro: o seu luxo consiste nos enfeites de conchas, ossos de peixe, &c., que trazem na cabeça, nas orelhas, no nariz, ao pescoço, e em quasi todas as junctas do corpo: adornos estes muito do uso de quasi todas as nações selvagens. Os chefes conhecem-se pelos barretes e grinaldas de plumas, que ondeam graciosamente ao sopro do vento. As armas de que usam são numerosas, bem como os instrumentos de guerra, o que prova que em caso d'hostilidades, seriam uns inimigos formidaveis. As armas são as seguintes: arcos de pau das palmeiras, de 8 pés de comprimento, leves, rijos, e mui elasticos; as cordas são do entrecasco das mesmas arvores: flechas feitas de canigos rectos, que brotam em abundancia naquellas ilhas; são de 5 pés de comprido, e tem a ponta fabricada de um lenho extremamente duro. As lanças são do mesmo pau dos arcos, de altura de 16 pés, polidas com tanto cuidado, e trabalhadas com tanto artificio, que parecem de marfim. As massas são também da mesma madeira, de 4 pés de comprimento, achatadas n'uma das extremidades na largura de cinco pollegadas, e bem aguçadas; a outra extremidade, que é o cabo, é quasi redonda, e de grossura azada para segurar-se na mão; remata em uma especie de bola, semelhante á maçaõ do punho de uma espada, onde está esculpida a carranca de um negro feroz. As fachas d'armas são de comprimento de pouco mais de dois palmos, com uma ponta adelgada para servir de punho, e a outra figurando uma cabeça talhada toscamente, e da grossura d'um côco, que representa as feições horridas de um guerreiro sarapintado a seu uso, como para entrar em batalha. Finalmente não faltam a esta gente meios de defesa, quer no seu armamento, quer no seu valor, e corpulencia.

APROVEITAMENTO DE DOIS ARBUSTOS INDIGENAS.

CRESCEM espontaneamente em o nosso terreno duas plantas agrestes, que não são destituidas de utilidade, e tanto mais facéis de aproveitar quanto são mais vulgares. A camarinheira, de que temos duas variedades [*empetrum album et purpureum*. Lin.], e o medronheiro [*arbutus unedo*. Lin.], ou como lhe chamam na Beira, ervedeiro. A primeira vegéta copiosamente nos areas maritimos, por mais aridos, e açoiçados dos ventos, que sejam. E' um matto miudo, que defende o terreno da incursão das areias moveidas, serviço mui importante para abrigar as sementeiras proximas ás costas, e preservar da esterilidade

o torrão contiguo. Não requer a minima cultura; basta semea-la nos sitios onde ainda não brota, e a natureza benigna a cria, e amanha. Seus fructos ou bagas, são refrigerantes, quando maduros; porém espremidos, e redusidos a mosto, dão agua-ardente, e vinagre. Ainda que o mosto, fermentado por si só, não forneça tanto alcool, como o da boa uva, contudo poderá ser valioso conforme as localidades; além de que a cultura sempre ganha em augmentar, e variar os seus productos, muito mais quando, como este, pouco ou nada custam.

Como o alcool é devido á decomposição do principio assucarado contido no mosto, e é tanto mais copioso quanto o é este principio, o producto das camarinhas crescerá muito se lhe ajuntarem o outro fructo silvestre, que também abunda em nossos terras arenosas, isto é, os medronhos, que encerram muitas particulas saccharinas. Armesto, que fez ensaios nestes fructos, na provincia d'Orense em Galiza, pelos annos de 1807 e 1808, affirma que não contém de assucar menos d'um quinto do seu pezo, e falla das suas vantagens com muito enthusiasmo nos *Annaes das Artes e Manufacturas* tom. 44.^o Todavia, sem lhe ajuntar medronhos, o mosto das camarinhas póde enriquecer-se com assucar mascavado, com bem pouco custo.

Para fabricar a agua-ardente, apanham-se os fructos bem sazoados, e lançam-se em balseiros, deixando-os estar, antes de os pizar, doze ou mais horas a curtir. Depois na piza se lhe deve ir junctando assucar mascavado, quanto baste para o mosto ficar doce como o de uvas, não o deixando ficar nem muito doce, nem muito aquoso. Convem também ajuntar-lhe algum sarro de pipa, por exemplo 6 onças por almude, pizado, e diluido em mosto quente. Quando a fermentação afracar, por mau tempo, ou outras causas, deitar-se-lhe-hão algumas caldeiradas de mosto cozido, reduzido, pouco mais ou menos, a metade do seu volume. Convem deixar o bagaço na lagariça, ou balseiro, por mais tempo que fica o da uva: o mosto deve ir limpo de fezes para as vasilhas. Estas se conservarão destapadas só quanto baste para dar saída ao acido carbonico sem que se evapore o alcool em demasia, e attestar-se-hão constantemente durante a fermentação sensivel. As vasilhas maiores são preferiveis, porque melhor fermenta o mosto sendo maior a porção, e mais depressa a fermentação sensivel acaba. O vinho, assim feito, distillado quando velho, dá melhor agua-ardente que o novo. Em tudo o mais practica-se o mesmo que se usa com o vinho d'uvas.

Taes são, em resumo, as circumstancias essenciaes do processo, que deverá empregar quem intentar em ponto grande este fabrico, e as que practicou o Sr. José Bonifacio de Andrade quando obteve as amostras, que em 1805 apresentou ao Avô da Nossa Augusta Soberana. Porém, sem nenhuma destas regras e precauções, houve quem fizesse das camarinhas excellente agua-ardente de 28 graus de Baumé, ainda que o producto andou por metade do que se recolhe das boas uvas.

Para converter em vinagre o vinho ou mosto das camarinhas, não é preciso deitar-lhe assucar, pois por si dá bom vinagre; mas querendo-se mais forte e cheiroso, será bom juntar-lh'o em pequena quantidade. E' porém muito conveniente deitar-lhe algumas borras de vinho, ou sarro de pipa, que servem de fermento. Quem pertender fabrica-lo com toda a perfeição póde seguir o seguinte processo. — Tomam-se quartolas, ou barris, colloca-las em sitio quente, e abri-lhes na tampa superior buracos quadrados de 6 a 8 pollegadas. Uma das vasilhas enche-se até acima, e cobre-se com tampa; na outra faz-se no fundo uma

camada de vides e parras, sobre a qual se deita o bagaço, se o ha, e a poder ser algumas borras, ou sarro de pipa, como se recommendou, para fermento; então enche-se do mosto até metade, ou o terço da altura, e deixa-se destapada para entrar o ar, e fermentar sem deitar por fóra. Começa a fermentação ao segundo ou terceiro dia, deixa-se ferver por mais de 24 horas; e então se lhe deita da outra vasilha cheia algum vinho ou mosto, e assim se continúa até estar completa a fermentação acetosa, que se conhece ter acabado quando cessa de todo o movimento intestino. A outra vasilha deve continuar a estar bem tapada, para que o seu liquido pouco ou nada fermente. No verão deve fabricar-se o vinagre ao ar livre: a temperatura do liquido fermentante não deve exceder a 24 graus de *Reaumur*, o que se consegue, ou trasfegando-o, ou junctando-lhe novo liquido da quartola tapada; isto afim de arrefecer o liquido, e não se volatilizar todo o alcool, que dá ao vinagre bom sabor e cheiro. Finda a fermentação, e o vinagre estando assente e puro, cumpre trasfega-lo para nova vasilha, e se estiver pouco forte lançar-lhe alguma agua-ardente para melhor se conservar; guardando-o em lugar frio e desabafado, e trasfegando-o de tempos a tempos, quando seja destinado para mais annos.

A apanha das camarinhas deve fazer-se em tempo secco, porque estão mais dispostas a fermentar, e se colhem mais facilmente, para o que basta sacudi-las ou vareja-las, pondo por baixo pannos grossos, ou sarpilheiras, como se usa em muitas partes com a azeitona. — A planta nasce espontanea, mas em paragens, onde a não ha, conviria aos proprietarios de grandes terras de cultura, visinhas ás costas maritimas, povoar com ella estes sitios, que para nada servem, e ainda quando lhe não aproveitassem os fructos lhes resultaria a vantagem de abrigarem e defenderem os seus terrenos adjacentes da irrupção temivel das areias, que esterilizam tudo. Para a sementeira é preferivel a variedade de bagas tirantes a côr purpurina, porque contém mais principios saccharinos.

Já dissemos que os medronhos tambem abundam em assucar, e principios fermentantes; em casa temos a próva, porque no Algarve, de ha muito se fabrica agua-ardente de medronhos. Esta póde ser boa, e propria para varios usos, sendo bem preparada, e lhe são applicaveis as precauções, recommendadas para a de camarinhas. — Em uma obra franceza e recente, que nos não lembra, lêmos que mil libras de medronhos forneciam uma barrica de agua-ardente de 16 graus, e que era especial para conservas de fructas. Além disto os medronheiros tem outras utilidades. Das folhas usam, em algumas partes da Grecia, para curtir couros, o que indica consideravel grau de adstringencia, pelo qual motivo tem tambem seus usos medicinaes; e os camponezes sabem, por experiencia, que os seus fructos, posto que insipidos, são nutrientes. A madeira é de bonita côr amarella, e obtendo crescimento pelo amanho, poderia servir para moveis, porque muitos medronheiros ha incultos, aproveitaveis para este destino. Os gados comem bem a sua folhagem tenra, que os não prejudica; e tem este arbusto a vantagem de ser sempre virente, e de amadurecerem os seus fructos no inverno, passando gradualmente por tres côres, e deleitando a vista com o seu bello encarnado, quando perfeitamente sazoados; pelo que seriam um ornamento muito agradavel dos jardins naquella estação melancolica, em que o geral das arvores se despojam da sua gala, contrastando assim lindamente os seus ramos vecejantes e fructiferos com os troncos pardoscos e despidos, e emulando as vistas lorangeiras nas ruas dos nossos pomares. Final-

mente é provavel que estes arbustos adquirissem pelo cultivo consideravel melhoramento, e melhor servissem para os fins que indicámos. Se os seus fructos não são saborosos, ao menos agradam á vista, e o talento descriptivo do nosso Camões os poz entre os presentes que o pastor Agrario offertava á sua nympha.

— E se os crespos medronhos nos raminhos
A ti com tanto gosto apresentei;
Porque não dás a Agrario desditoso
Um só revolver d'olhos piedoso? —

Machina tachigraphica. — Esta machina, imaginada por *Galli*, poderá vir a ser de grande vantagem, no caso de no seu uso não se achar alguma difficuldade insuperavel.

Consiste em dois teclados, formado cada um de tantas teclas circulares quantas são as letras do alphabeto, reunidas em um curto espaço, de modo que possam ser abrangidas pelos dedos de uma das mãos. Quando se poem os dedos sobre as teclas fazem-se, como no piano, levantar umas hasteas, em cujas extremidades estão as letras, que podem ser da mesma composição dos lapis, ou de outra qualquer materia que dispense o uso da tineta.

Estas letras vão estampar-se em um papel que anda sobre um cilindro, ao qual se póde adaptar uma manivela para o fazer girar. Os dois teclados são um para cada mão. *Toca-se uma palavra* n'um, outra no outro, alternadamente, por fim apparecerá o papel cheio de palavras na mesma ordem em que foram pronunciadas.

Esta invenção engenhosa não encerra tantas difficuldades como na apparencia tem. Do mesmo modo que a practica de muitos annos faz com que se lêa e toque a musica desembaraçadamente, o que, para quem nunca o tivesse visto fazer, pareceria incrível, assim o uso desta machina faria vencer as difficuldades que nella parecem invenciveis.

Miguel Angelo e Braz de Cesena. — Veio um dia Paulo III visitar Miguel Angelo, que estava acabando o sublime quadro do juizo final, para a capella sixtina. Era numeroso o sequito do pontifice, e muitos dos individuos que o compunham careciam das qualidades necessarias para avaliarem a producção de tão preclaro engenho, e em taes circumstancias se achava Braz de Cesena, mestre de cerimoniaes do papa. Perguntou-lhe Paulo III que tal lhe parecia a pintura; e como um mestre de cerimoniaes não é de direito homem de gosto, e juiz competente em objectos de artes, respondeu-lhe Micer de Cesena, sem hesitar, que o quadro estava proprio para ornar uma taberna, ou uma bodega, porém não para uma igreja.

Os artistas são pouco affeiçoados á critica, mórmente sendo injusta, e nem sempre prescindem da vingança: a de Miguel Angelo foi prompta, porque deu logo ao mestre de cerimoniaes um logarzinho no quadro entre os condemnados: uma serpente o enlaga e devora, e a cabeça do nôvo Midas apparece enfeitada com um par d'orelhas de burro, sem duvida para memoria da excellente sentença que proferira.

O retrato de Braz de Cesena era muito parecido, e a malicia do pintor em breve se fez publica. Debalde pediu aquelle a Miguel Angelo que o tirasse do logar de tormentos, em que o lançára sem respeito á sua reputação. O artista foi inexoravel, e o bigodeado mestre de cerimoniaes recorreu ao papa para obter justiça.

Paulo III soube tirar-se do aperto com sagacidade: “Eu tenho, disse elle a Micer Braz, todo o poder na

terra e no ceu; se elle vos tivesse mettido no purgatorio, ainda eu lhe poderia dar algum remedio, porém como estaes no inferno, não pôde haver remissão.

As escolas domingueiras. — Roberto Raikes, fundador das escolas domingueiras, nasceu em Gloucester, em 1736; exercia a profissão de impressor na cidade onde nascera. Movido d'um ardente amor da humanidade tomou primeiramente um grandissimo interesse na sorte dos presos; porém reconhecendo que a sua ignorancia e embrutecimento repelliam quasi invencivelmente qualquer tentativa de melhoramento moral, comprehendeu que era preciso, antes de tudo, cuidar na educação dos rapazes do povo. Magoado ao ver todos os domingos os meninos da sua parochia andarem ás bulhas nas ruas, n'um estado lamentoso de desamparo e miseria, escolheu quatro mulheres do seu bairro, que dirigiam pequenas escolas de leitura, e pagou-lhes um schelling [192 réis] cada domingo, debaixo da condição de receberem n'esses dias tantos meninos quantos lhes enviassem. O pastor da parochia offereceu-se a auxilia-los na manutenção da boa ordem. Os meninos vinham para a escola ás dez horas, e saíam ao meio dia; voltavam uma hora depois, e eram todos junctos conduzidos ao templo; depois tornavam para a escola, onde estudavam o catholicismo: ás cinco horas e meia despediam-nos, e elles voltavam pacificamente para suas casas. Esta instituição teve o mais feliz resultado. Roberto Raikes imprimiu um livrinho, contendo exhortações pias, e distribuiu-o pelos escolares. Para recompensa-los dava-lhes exemplares da Biblia. Mantinha relações frequentes com as familias dos seus meninos; porque sabia quanto é poderosa a influencia domestica para fecundar as lições das escolas. A instituição de Raikes propagou-se pelas cidades e villas da Inglaterra. Em 1785 formou-se uma sociedade central das escolas dos domingos, debaixo da direcção de William Fox, pio successor do philanthropo de Gloucester. Estas escolas foram introduzidas em 1800 no paiz de Galles, e passados tres annos já se contavam 177 escolas frequentadas por 800 meninos.

Em 1803 formou-se em Londres uma grande associação, com o titulo de: *União das escolas do domingo*. Esta sociedade tem publicado grande numero de obras elementares, e fundado bibliothecas populares nos concelhos.

O bem é uma semente fecunda: ao principio eram as escolas regidas por mestres assalariados, o que fazia que nos concelhos pobres fosse menor o numero d'elles, mas em breve appareceram pedagogos voluntarios, zelosos da educação religiosa, e esta tarefa foi reclamada qual privilegio honroso, e passado algum tempo os proprios discipulos vieram a ser mestres, e d'entre elles saíram professores distinctos.

Contam-se hoje na Inglaterra 13.000 escolas do domingo, dirigidas por 140.000 mestres que ensinam gratuitamente 1.500.000 discipulos, e nos Estados-Unidos 1.000.000 de discipulos e 100.000 mestres.

Lancaster, um dos inventores do methodo do ensino mutuo, conversando uma occasião com Raikes, perguntou-lhe se entre os presos do condado tinha encontrado algumas vezes discipulos seus: Raikes tinha curado da educação de muitos milhares de meninos pobres; qual seria a profunda alegria do velho venerando, que consagrara as forças da sua vida a uma empreza tão bella, quando respondia a Lancaster: "Nunca."

Oxalá que semelhantes instituições fossem introduzidas e animadas em Portugal, onde a educação de certas classes é nulla. A immoralidade anda quasi sempre a par da falta d'instrucção; e o que se pôde

esperar de individuos de tenra idade, a quem as suas familias apenas consentem em casa ás horas da comida, ou quando teem d'elles precisão, pois até chegam a ordenar-lhes expressamente que vão para a rua. O resto do dia passam-o estes entes despresados em reprehensiveis jogos e travessuras. Com a idade crescem-lhes os appetites; como não tem meios para satisfaze-los, nem idéa alguma do que é justo ou injusto, nem já pôde haver freio que os dóme, não ha excesso a que não se entreguem, e uma vez encetada a carreira do crime, caminham a passos de gigante para a sua perdição. Nós desejáramos que quando os paes faltassem aos filhos com aquella educação que ainda o mais pobre pôde dar-lhes, fossem punidos correccionalmente, pois estamos persuadidos de que taes punições muitos remorsos poupariam áquelles, e muitos crimes a estes, e que assim aproveitaria a nação cidadãos que, criados como brutos, só servem de deshonra-la.

Crueldade para com os animaes. — O abuso do poder é commum nos homens e até nas creanças. Se nos convencemos, por experiencia diaria, que as mais fortes intelligencias, e os mais maduros juizos, não sabem resistir ao attractivo da auctoridade illimitada, e que, descomedidos na plenitude do poder, quebram todas as leis da razão e da justiça, como podemos esperar que o espirito de uma creança seja menos vezes fascinado, e com mais difficuldade prevertido, e que vendo-se dotado dos meios de distribuir a vida e a morte ás tribus de animaes e insectos que lhe estão sujeitos, exerça o seu dominio sem injustiça? Não só pelo que nos respeita, mas tambem pelo que respeita a muitas outras pessoas, nos foi, na infancia, reprimido o furor do despotismo, e interrompido o gôzo da tyrannia por admoestações amigaveis, e pela intervenção da auctoridade paterna. Mas como pôde uma creança fazer caso da reprehensão recebida, ou respeitar a auctoridade dos maiores, quando, depois de ser severamente reprehendida por haver barbaramente despedaçado uma abelha, ou esmagado uma borboleta, é muitas vezes chamada para matar uma aranha, ou pôr o pé sobre uma bichacadella, porque talvez uma senhora tem horror a uma, ou antipathia com outra?

Reparem bem os paes, que quizerem conservar seus filhos puros de crueldade contra os animaes, no modo porque os fazem instrumentos da sua vingança. As distincções de animaes innocentes, ou maleficos, não são para as creanças; e tudo o que por este lado necessitam para a sua conservação não é preciso explicar-lho, porque a natureza lho-ensina: até diremos que antes alguma cousa soffram, do que se acostumem á crueldade. — Parecerá isto a alguém de pouca monta; mas desta parte da educação depende muito a humanidade ou deshumanidade das pessoas adultas: é na infancia que se adquirem a maior porção dos habitos de toda a vida.

Os Senhores Socios e Assignantes, que mudarem de residencia no fim do recente semestre, terão a bondade de o fazer constar á Direcção, para não soffrerem interrupção na entrega deste Jornal.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua do Arsenal
N.º 55 = 1.º andar.

LISBOA — NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE.